



A GUERRILHA DO ARAGUAIA SOB A PERSPECTIVA DO POVO SANTO

Araguaia Guerrilla from "povo de santo" perspective

Maria Leal Pinto*

Sariza Oliveira Caetano Venâncio**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Dernival Venâncio Ramos Júnior***

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

DOI: 10.29327/256659.14.1-10

RESUMO:

Neste trabalho apresentamos Osvaldo Orlando da Costa, mais conhecido como Osvaldão, e sua relação com a Guerrilha do Araguaia a partir das memórias do povo de santo da região em que ocorreu o conflito, o Bico do Papagaio. Através da história oral encontramos relatos mágicos sobre os feitos do guerrilheiro e sobre sua capacidade, assim como de outras pessoas, de se encantarem, de se metamorfosearem. Os relatos ouvidos e tantos outros lidos na literatura sobre o tema nos dão indícios do protagonismo dos afro-religiosos locais e como eles se inseriram na história que marca o fim do guerrilheiro e, por consequência, o desfecho da Guerrilha.

Palavras-chave: Guerrilha do Araguaia; Povo de Santo; Memória.

* Mestre em Estudos de Cultura e Território pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e doutoranda em letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: mariazozimo2016@gmail.com

** Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora do colegiado de História e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Religião e Cultura Popular no Tocantins (GPEnCANTO). E-mail: sarizacaetano@uft.edu.br

*** Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: dernivalramos@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

Oswaldo Orlando da Costa, além de ser um dos mais importantes personagens negros da luta contra o regime militar brasileiro no norte do país, é um dos mais lembrados pelas pessoas da região em que ocorreu a Guerrilha do Araguaia, sejam aquelas pertencentes ao campo, à cidade, ao serviço militar ou ao povo de santo.

A Guerrilha do Araguaia foi um movimento armado organizado pelo PCdoB (Partido Comunista do Brasil), partido que surge do racha com o PCB (Partido Comunista Brasileiro) em 1962, após o PCB se alinhar à política revisionista de Kruschew. Essa nova ala nasce com o ideal de guerra popular prolongada contra a Ditadura militar que se instalou no país com o golpe de 1964 e se estendeu até o ano de 1985. O PCdoB organizou a Guerrilha do Araguaia aos moldes daquela proposta por Mao Tsé-Tung. A região escolhida foi o Bico do Papagaio, compreendida entre os estados do Maranhão, Pará e Goiás (hoje Tocantins). Uma região marcada pelas desigualdades sociais e disputas fundiárias, com grande manancial hídrico e muitas riquezas naturais e minerais. Guerrilheiros e guerrilheiras se instalaram, especialmente, na região sul paraense afim de deflagrar o conflito armado que sairia do campo para as cidades. Todavia, as forças armadas logo descobriram o foco guerrilheiro e entre os anos de 1972 até 1974 empreenderam três grandes campanhas militares que não só liquidaram o movimento revolucionário, como também marcaram definitivamente a vida e a memória camponesa na região.

A adesão popular foi muitas vezes questionada devido às recorrentes negativas em se falar sobre o assunto por parte da população. É certo que esse silêncio tinha uma razão de ser, era a violência física e psicológica infligida pelos militares sobre aqueles que tinham ou se supunha terem tido contato com os guerrilheiros. A dirigente Diamantina¹, de Brejo Grande do Araguaia, Pará, recorda com tristeza o que seu esposo sofreu:

Nesse tempo eu não sabia de nada disso, fazia era sofrer [se referindo às primeiras sensações de mediunidade]. O sofrer do meu velho foi porque eles diziam que o Osvaldão tinha ido lá em casa para me curar. Só mentira, mulher, só mentira, para condenar o meu marido, e ele entrar no sofrer do que ele sofreu, só mentira. [...] Aí por causa dessa guerra, dessa doença minha [a mediunidade] o povo inventou que

¹ Assim como Diamantina, todos e todas as entrevistadas dessa pesquisa tiveram seus nomes alterados por ainda temerem represálias, visto que Curió ainda está vivo e a presença dos militares é frequente ainda na região.

o Osvaldão estava lá em casa fazendo cura em mim ... e sem nunca ele tinha ido lá em casa. [...] É mentira, mulher. É que tem gente que é danado pra mentir, não é? Faz mentira e ainda prejudica os outros. Isso aí me prejudica, porque eu nunca conversei uma coisa dessa. Não prejudica, porque eu ... as pessoas acreditam em mim. Se eu disser que não, não, não é? E o que eu digo é que meu velho sofreu muito, não prestou pra mais nada, não teve cabeça pra trocar nada, pra comprar nada, botar as coisas dentro de casa. Era eu, enfrentei. [...] ele ficou pegado, preso doze horas da noite, lá debaixo de taca e ele foi pego três mês. Porque tinha um bate-pau do delegado que disse pro policial, pro soldado que nós tinha o Osvaldão lá em casa pra me tratar. Sem vergonha, mentiroso.²

Assim, com uma narrativa marcada de raiva e pesar pelo ocorrido, Diamantina nega ter tido contato com Osvaldão. Não é de estranhar que qualquer relação que a população tenha tido com os guerrilheiros, ainda que na forma de ajuda alimentar ou medicinal, tenha sido silenciada como estratégia de sobrevivência por parte dos locais. Não raro é atualmente encontrar moradores da região que falam sobre o ocorrido com ressalvas e em voz baixa em decorrência das memórias traumáticas que o Exército deixou em seus corpos e mentes.

A memória e a presença dos guerrilheiros, e em especial de Osvaldo, na memória social da região se dão devido à aparência física dele – “era um homem agigantado” –, pelo fato de ter sido um dos primeiros guerrilheiros instalados na região do Araguaia, o que ocorreu em 1966, e pela boa relação que ele construiu com a população local, demonstrando lutar por justiça social. Outro fator que fez com que Osvaldão entrasse nas narrativas futuras era sua relação com as religiões de matriz africana. Das pesquisas já escritas sobre ele, lê-se e ouve-se histórias sobre sua capacidade de encantamento, de transformação, de metamorfose em seres diversos da natureza.

De início, buscamos averiguar a suspeição da presença de Osvaldão nos terreiros visitados; ou seja, procurávamos saber se ele estava “baixando”³ como entidade encantada ou espírito nos centros religiosos afro-brasileiros. Vale ressaltar que os encantados e os espíritos são entidades distintas no panteão das religiões afro-brasileiras no norte e nordeste do país. Se as entidades espíritos são pessoas que viveram nesse plano e aqui morreram, ou seja, espírito de mortos, os encantados são aqueles que não experimentaram a morte quando passaram para o plano espiritual (Venâncio, 2013).

² Entrevista Oral concedida por Diamantina em 23/07/2017.

³ Baixar, descer, baiar, receber são verbos usados pelo povo de santo como sinônimos de incorporar.

Assim, a pesquisa de campo em busca das pistas sobre essa possibilidade nos levou a muitas viagens, encontros e desencontros; um total de 28 viagens, entre idas e voltas nas cidades de Araguaína (TO), Tocantinópolis (TO), Imperatriz (MA), Brejo Grande do Araguaia (PA), Palestina (PA) e Marabá (PA). Das muitas informações, evidências e indícios, o que encontramos ia muito além da narrativa do encantamento; aos poucos foi se desnudando a forte participação do povo de santo no desfecho do conflito instalado no Bico do Papagaio. Ou seja, não se encontrou Osvaldão como entidade do panteão da Umbanda⁴ ou do Terecô;⁵ encontramos narrativas e memórias sobre o protagonismo do povo de santo no desenrolar e nas ações que culminaram para o fim da Guerrilha.

Ficou evidente com as entrevistas, como veremos, que o conflito armado teve seu local de combate travado no campo, nas florestas, nos rios. Contudo, a luta também adentrou outros espaços, como é o caso dos terreiros. É certo que não necessariamente de forma física, mas os saberes da espiritualidade afro-brasileira foram demandados por todos os lados, de guerrilheiros a militares. Assim, um conflito de caráter, inicialmente, do plano material, adentrou outros planos exigindo protagonismos e desavenças de um grupo até então invisibilizado.

A GUERRILHA DO ARAGUAIA E SUAS MEMÓRIAS

Para problematizar esse tema, lançamos mão do diálogo entre a literatura especializada sobre a Guerrilha do Araguaia e a literatura regional. Essa relação foi fundamental para a compreensão de categorias importantes sobre a cosmogonia amazônica, uma vez que os relatos sobre as transformações de Osvaldo em cachorro, porco, toco, cupim, lobisomem entre outros são mencionados nas diversas obras produzidas sobre a Guerrilha do Araguaia. Da revisão feita durante o desenrolar da pesquisa foram verificadas essas transformações em Fernando Portela (1986), Janaína de A. Teles (2014), Regina Sader (1990), Leonencio Nossa (2012), Hugo Studart (2013; 2018), entre outros.

É preciso ressaltar que os trabalhos de Studart (2013; 2018) foram relevantes para esta pesquisa no sentido de que orientou as coordenadas no campo, nos levou à compre-

⁴ Religião afro-brasileira surgida inicialmente no Rio de Janeiro em 1908. Ela sintetiza elementos do catolicismo, kardecismo e religiões africanas.

⁵ Religião afro-brasileira de grande recorrência em Codó no Maranhão. Também conhecida como Tambor da Mata, sintetiza elementos do Tambor de Mina, da Umbanda e da Pajelança.

ensão das categorias apresentadas em seu trabalho e apontou rumos para as transformações metamórficas de Osvaldão. No entanto, salientamos que a íntegra da sua obra nem sempre caminha na mesma perspectiva da pesquisa empreendida. Ou seja, nós não compactuamos com a suavização das atrocidades cometidas por militares no Araguaia, e nem com o desrespeito às vítimas e suas famílias. Assim, mais que tratar as obras de Hugo Studart como revisão bibliográfica, buscamos tratá-las como fontes históricas que são analisadas e contextualizadas a partir do tempo e dos sujeitos que as produzem.

Dos referenciais pesquisados, a relação da encantaria com a Guerrilha somente foi constatada no trabalho de Teles (2014). Nele buscou-se compreender as narrativas sobre “Osvaldão como alguém encantado ou imortal” a partir da literatura da encantaria. Nesse sentido, ela busca compreender onde se situa as categorias usadas pelas pessoas quando descrevem a capacidade de Osvaldão em se transformar em outras formas que não a sua, avançando, assim, na explicação clássica de que era um artifício usado tanto para fugir como para confundir seus adversários.

Além dos trabalhos realizados por Mundicarmo Ferretti (2001) no campo da encantaria, encantados e fadistas, ainda encontramos pesquisas feitas por Raymundo Maués H. (2005), Jerônimo Silva e Silva e Agenor Pacheco (2015), Sariza O. C. Venâncio (2013; 2019), entre outros que destrincham os conceitos e categorias a partir do universo religioso afro-indígena no norte e nordeste brasileiro. Foram seus trabalhos que nos permitiram desvelar e compreender as narrativas ouvidas sobre Osvaldão e sua relação com o povo de santo nas viagens de campo realizadas em 2018.

A memória social da Guerrilha, seja ela acessada através do que já se foi escrito ou narrado, está sempre mediada por uma disputa por quem detêm a verdade sobre os fatos. Até muito recente, a versão dita oficial foi escrita e contada pelo Estado na figura do Exército Brasileiro e seus parceiros. Michael Pollak (1989, p. 3), fala sobre essa “disputa pela memória”, em um contexto em que predominou por muito tempo a “memória oficial e dominante”, e como as “memórias subterrâneas” encontraram alternativas e meios de continuarem a serem perpetuadas através das narrativas transmitidas nas “redes familiares e de amizades de forma cuidadosa”.

Com o advento e expansão das pesquisas em História Oral no Brasil foi possível confrontar essa versão oficial com outras, e contribuir para a perpetuação dessas narrativas que

até então estavam restritas a determinados grupos.

Como assevera Paul Thompson:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (Thompson, 2002, n.p.).

Assim, compreendemos que as memórias aqui obtidas através da História oral estão partindo dos terreiros como referência e espaço de produção e, também, de lugares e pessoas a partir dos quais se pode construir a sua compreensão. Buscamos também colocar em evidência sujeitos pouco visibilizados no movimento guerrilheiro, mas que participaram e carregam consigo as marcas e histórias de um tempo “sofrido, difícil” – termos comumente usados para falar sobre o tempo da guerrilha pelas pessoas da região. Como veremos, muitas delas viram nos rituais religiosos uma forma de tornar mais amena e suportável as memórias “daquele tempo”.

Por conta da quase ausência de fontes orais, escritas e bibliográficas que transmitam a história do povo de santo e sua relação com o conflito no Bico do Papagaio, o uso da História oral nos possibilitou a obtenção de informações não somente sobre o protagonismo vivido por esse grupo, como também relatos sobre Osvaldão e seus saberes com o mundo afro-religioso. Assim, com o intuito de investigar a existência do encantado Osvaldão nos terreiros de religiões de matriz africana nos locais e proximidades onde se desencadeou a Guerrilha do Araguaia. Partimos, inicialmente, por aqueles terreiros indicados nos trabalhos sobre o tema; posteriormente, fomos guiados pelas informações que o campo ia nos oferecendo.

Em cada lugar que chegávamos as pessoas diziam da possibilidade do encantamento de Osvaldão, mas sempre negavam que ali ele era “recebido” e nos direcionavam para outra localidade afirmando que em determinado salão era possível encontrá-lo “baixando”. Contudo, nas 28 viagens de campo realizadas a fim de entrevistar dirigentes espirituais e assistir

seus rituais, não foi possível encontrar Osvaldão como encantado em um terreiro de Umbanda, Terecô ou de qualquer outra vertente afro-indígena-religiosa. Apesar de circular oralmente pela região, o famoso guerrilheiro nos pareceu estar sempre em uma espécie de além, de devir; é sempre em outro terreiro que ele desce e incorpora.

Mesmo não encontrando o que procurávamos, acabamos ouvindo afirmações do povo de santo sobre os conhecimentos espirituais que Osvaldo tinha; inclusive que ele sabia de forma memorizada o Livro de São Cipriano e a Oração da Cabra Preta. A obra atribuída a São Cipriano consiste em uma coletânea de orações e ensinamentos mágicos, escritos aproximadamente entre os séculos XVII e XIX.

A obra é um grimório: livro de conjurações e feitiços com instruções para produzir amuletos e talismãs, invocar espíritos, anjos e demônios, encontrar tesouros escondidos por meio de magia, adivinhar o futuro e produzir remédios e feitiços. A palavra grimório deriva do francês *grimmaire*, que significaria “texto escrito em latim”, que por sua vez tem origem no italiano *gramair*, origem da palavra em português gramática. Grimórios, então, são uma espécie de gramática voltada ao aprendizado da linguagem da magia. (Barreto, 2021, p. 6).

O Livro de São Cipriano vai além da possibilidade de ser um conjunto de diferentes feitiços, magias e orações:

Além das receitas de feitiços, o livro traz orações, exorcismos, formas de ler o futuro nas cartas e nas palmas das mãos (cartomancia e quiromancia) e orientações para achar tesouros escondidos. Esses itens são ilustrados por supostas passagens da vida do santo, contadas em uma série de episódios, com foco especialmente na história da sua conversão de feiticeiro a mártir cristão, servindo como uma espécie de aviso ou guia moral. (Barreto, 2021, p. 6).

Inês Teixeira Barreto (2021, p. 1) explica que “esse personagem [São Cipriano] foi base para a criação de um livro de magia que leva seu nome, muito popular nas práticas de feitiçaria brasileira e que, no século XX, foi transportado para a Umbanda e a Quimbanda”. Desta forma, a Oração da Cabra é parte desse conjunto de textos mágicos que compõe o grimório⁶ e cuja finalidade varia de acordo com a intenção. A oração não é feita

⁶ Em Barreto (2021, p. 6) encontramos a seguinte definição para grimório: A palavra grimório deriva do francês *grimmaire*, que significaria “texto escrito em latim”, que por sua vez tem origem no italiano *gramair*, origem da palavra em português gramática. Grimórios, então, são uma espécie de gramática voltada ao aprendizado da linguagem da magia.

de forma isolada e aleatória, e sim precedida de um ritual que demanda uma preparação e conhecimento prévio acerca do uso mágico dela.

Outra habilidade de Osvaldão recorrentemente memorada nas entrevistas, nas conversas informais e na literatura sobre a Guerrilha era o fato dele se transformar em qualquer coisa que desejasse. Tais transformações se davam geralmente no intuito de fugir das emboscadas ou mesmo para não ser apreendido ou morto. As transformações mais comentadas e que marcam bastante a memória sobre o guerrilheiro são as de que conseguia se transformar em cachorro, cupim, entrar na terra, virar cipó, toco de árvore, ficar invisível etc.

É interessante observar que ainda que as pessoas indicassem possíveis localidades para se encontrar Osvaldão como encantado, a afirmação da morte dele com a ajuda de trabalho espiritual realizado por dirigentes de terreiros da região era sempre retomada nas entrevistas. Esse conjunto de informações levantou o seguinte questionamento: teria Osvaldo se encantado, como muitos afirmam, ou não? Vale ressaltar que os encantados são entidades de pessoas que não passaram pela experiência da morte e, logo, a ausência de corpo é fundamental (Maués, 2005; Venâncio, 2013; 2019). Com base nos entrevistados, e de acordo com Nossa (2012), Portela (1986), Studart (2013; 2018) e Teles (2014), Osvaldo teria sido morto: “Coube ao guia da equipe, o camponês Arlindo Piauí, acertar com um tiro o peito aberto de Osvaldão. Ele teria urrado antes de tombar ao chão” (Studart, 2013, p. 93).

Antes de questionar a possível contradição, percebemos que ali havia uma disputa memorial que estava emergindo. Pollak (1989) relembra que:

Em vários momentos, Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais: “Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum”. (p. 1-2).

Assim, compreendemos que para além do que se fala do guerrilheiro de modo específico, havia uma memória em questão: a memória da participação do povo de santo na Guerrilha. Essa memória está entrelaçada com a história de guerrilheiros e guerrilhei-

ras que lutaram na região, como é o caso das transformações de Osvaldo Orlando; mas não somente, pois existem outras narrativas de transformações que incluem entre outras pessoas a guerrilheira Dina,⁷ que virava borboleta, ficava invisível, virava vento.

Desse modo, ao analisar as entrevistas e conversas, percebemos que os dirigentes umbandistas entrevistados estavam narrando a memória compartilhada nos terreiros sobre a Guerrilha, e não aquela dita oficial. Essas narrativas entravam de certa forma em conflito com a versão institucionalizada ao trazer um caráter afro-religioso para o desfecho da luta.

Certamente a grande região denominada por Olívia M. M. Cormineiro (2010) como os Vales do Rio Araguaia e Tocantins e sua gente nunca mais foram os mesmos com e depois da Guerrilha. Mudou-se a geografia, a dinâmica organizacional, a vida, a rotina e a sua história. Como testemunhas vivas de um passado que encobre seus vestígios, a população local ainda é constantemente chamada para contribuir na tarefa de reconstituir e de trazer à tona fragmentos que ajudem na compreensão do que aconteceu no que pode ser considerado um dos maiores levantes populares da história recente, gestado e organizado por uma organização política, o PCdoB.

A Guerrilha do Araguaia foi um movimento armado em resistência à ditadura militar brasileira que ocorreu entre os anos de 1972 e 1974, especificamente na região conhecida por Bico do Papagaio situada entre os estados do Pará, Maranhão e Goiás (hoje Tocantins). Todavia, os primeiros guerrilheiros e guerrilheiras começaram a se instalar na região a partir de meados da década de 1960.

Por sua atuação social na região, os chamados guerrilheiros criaram laços com a população em pouco espaço de tempo, ganhando a amizade, o respeito, a confiança e a credibilidade de todos. Esses laços afetivos foram se rompendo com a chegada dos militares e suas táticas pautadas na truculência e tortura para que os camponeses delatassem o para-

⁷ Dinalva Oliveira Teixeira (Dina), nascida no estado da Bahia, formou-se geóloga pela Universidade Federal da Bahia. Participou ativamente dos movimentos estudantis dos anos 1966/1968. Trabalhou no Rio de Janeiro no Ministério de Minas e Energia e foi sócia da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Chegou ao Araguaia no ano de 1970, atuando na região como camponesa e professora. Também muito referenciada como enfermeira e parteira, chegou a ser vice-comandante do Destacamento C das Forças Guerrilheiras do Araguaia (FORGA). Mas ficou marcada na região, assim como Osvaldão, por suas capacidades de transformações e seus dons sobrenaturais. É contado que, assim como Osvaldão, Dina se transformava em borboleta, vento, ficava invisível.

deiro dos militantes. Temendo problemas e a própria existência, a população local foi aos poucos rompendo relações com o grupo de militantes, o que contribuiu para que o grupo de combatentes ficasse ainda mais em desvantagem.

Sobre os pormenores da guerrilha, há atualmente uma vasta produção acadêmica que demonstra as muitas nuances desse fato social, histórico e político. O que nos interessa aqui, porém, é perceber como por anos o silêncio se fez presente na região. Naurinete F. I. Reis (2017, p. 180) afirma que a população local, após findado o conflito, foi coagida pelo Estado a silenciar o que “viveu, viu, testemunhou ou mesmo participou”. Ainda com certo temor, muitos resistem e narram; e nesse fazer inserem a si mesmos nos acontecimentos, mesmo quando chamados a narrar sobre outros sujeitos. Na eminência de sofrer retaliações mediante a afronta da desobediência e observando o que afirma Pollak:

[...] O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p. 3).

É, assim, tecendo, urdindo, reelaborando, reconstituindo, narrando, entrelaçando e transmitindo nas redes familiares e institucionais locais, como os terreiros, que vão sendo registradas as memórias dos grupos. O povo de santo ao contar ora as transformações de Osvaldão, ora as de Dina, ora as mandingas e rezas de tantos outros, está contando também suas histórias, o protagonismo e a participação do grupo sociorreligioso no conflito mais famoso da região.

Mesmo que o povo de santo não tenha feito parte do escopo da literatura acadêmica sobre a Guerrilha do Araguaia em sua totalidade, enquanto sujeitos históricos, suas memórias estão registradas em Portela (1986), Sader (1990), Bernardo Joffilly (2008), Nossa (2012), Studart (2013), Teles (2014) e tantos outros. Geralmente, os grupos são mencionados a partir de termos como Terecô e/ou terecozeiros, sem um aprofundamento analítico de cunho antropológico e sociológico dos conceitos para a região. Assim, o povo de santo, assim como suas práticas e epistemes são inseridas em um registro exotizante e fragmentado. Apesar de tudo, são narrativas e registros que mesmo margeando a trama, conseguiram estar lá e fazer parte da historiografia sobre o tema.

Por fim, evidenciamos que essas memórias subterrâneas vão emergindo e se contrapondo à memória oficial do Estado Nacional; elas mostram outro caminho para a compreensão dos fatos. É preciso, pois, compreender esses fragmentos publicados em outros trabalhos sobre a Guerrilha reinserindo-os em sua cadeia narrativa, em seu lugar social e institucional.

O PROTAGONISMO DO POVO DE SANTO

Entre o povo de santo e especificamente na nossa pesquisa não foram encontrados elementos suficientes para que pudéssemos categorizar o guerrilheiro Osvaldão como uma entidade encantada nos moldes definidos pela Umbanda, Terecô e as demais religiões afro-brasileiras do Norte e Nordeste do Brasil. Contudo, sempre foi possível encontrar pessoas que constatavam a capacidade transformativa dele, o que nos deu indícios para perceber seu trânsito nas diversas categorias usadas pelo povo de santo e a sua relação de familiaridade com o grupo.

José da Prata, nome fictício de um dos entrevistados, nos disse que “ele [Osvaldão] não incorporava, ele sabia das orações [...], nas orações dele se tivesse o Sete Breve, aí ele se encantava mesmo, de corpo e alma e tudo”.⁸ Apesar da ênfase na poderosa reza, José da Prata não menciona conhecê-la, mas é enfático ao dizer que aquele que detiver o conhecimento da oração e se valer dela terá acesso ao encantamento. José da Prata ainda descreve acerca das muitas transformações de Osvaldo Orlando e afirma que “sim, ele transformava em barrão,⁹ pedaço de madeira, qualquer coisa que ele quisesse [...]”,¹⁰ como cachorro, cupim, cipó, onça etc.

Percebemos que quando os entrevistados falam sobre encantamento, eles não estão necessariamente falando daquele encantamento que ocorre quando a pessoa passa do plano físico para o espiritual. Eles estão tomando as transformações físicas dos guerrilheiros como algo do universo do encantado que pode ser explicado a partir das rezas especiais e a partir das características próprias daqueles que vivem na encantaria. Segundo Venâncio (2019), as entidades encantadas têm a capacidade de se apresentar no plano físico de forma

⁸ Entrevista oral concedida por José da Prata em 01/09/2017.

⁹ Barrão: um porco grande.

¹⁰ Entrevista oral concedida por José da Prata em 01/09/2017.

material de duas maneiras: incorporando em algum médium ou em algum animal (cobra, peixe, boto etc.). Desse modo, quando os entrevistados falam que Osvaldão “se encantava mesmo”, querem dizer que assim como as entidades encantadas ele podia se transformar, se encantar, em qualquer forma que quisesse.

As narrativas de encantamento encontradas se referem especificamente a Osvaldo e Dina. Contudo, é de conhecimento do povo de santo da região do Araguaia que do lado dos militares havia também comandantes experientes que conheciam sobre questões relacionadas à espiritualidade e seus poderes.

Diamantina nos conta que durante a guerrilha e mesmo após era possível encontrar militares visitando terreiros:

O exército andou curiando meu salão muitas vezes. Encostava com o carro cheio de exército. No tempo que eles estavam aqui cavando os ossos [...] eles encostaram aqui. Tenente, capitão, cujo um dia eles chegaram eu estava com os tambor ligado, aí eles entraram tudo dentro. Tinha até uma mulher procurando o marido dela, cunhado dela e a irmã. Tinham matado nesse tempo, aí eu estava com meus guias, eu estava incorporada, o que me contaram. Aí ele [o guia] tirou o rosário aqui do pescoço meu e botou no pescoço dela e disse: “Seja tua para achar a sepultura, mas eu vou te contar onde ela está”. Aí contou, aí depois um dos soldados voltou aqui para me contar que foi certinho no lugar que ela disse.¹¹

Assim, parece que partindo desse conhecimento da espiritualidade afro-religiosa, os militares perceberam que pegar Osvaldão só seria possível com a colaboração do povo de santo. Então, segundo José da Prata, dirigente de terreiro de Marabá, os militares passaram a coletar informações com os umbandistas da região sobre as características espirituais de Osvaldo Orlando, assim como de seu Odu.

Vale lembrar que o Odu indica o caminho, o destino de alguém, e que ele está relacionado com o orixá de quem recebe proteção. Na Umbanda amazônica, os orixás são representados por linhas de entidades, sejam espíritos ou encantados; e esses são os guardiões de maior proximidade das pessoas. É comum muitos dirigentes manterem segredo sobre seu guia-chefe e ponta-esquerda a fim de resguardarem sua vida espiritual e física (Venâncio, 2019). Assim, no caso de Osvaldão, os militares sabendo do seu Odu, saberiam de seu orixá de cabeça e de seus guias, e começariam a trabalhar para afastar o anjo da guarda dele. E foi isso que fizeram.

¹¹ Entrevista Oral concedida por Diamantina em 23/07/2017.

José da Prata conta que esses comandantes teriam atraído o anjo da guarda de Osvaldo Orlando, o que facilitou encontrá-lo. Fragilizado pelo afastamento do seu guardião, já estando sozinho e afastado da população local, Osvaldo foi se tornando cada vez mais enfraquecido. Somando-se a todo esse contexto desfavorável, faminto e sem muitas alternativas de sobrevivência, Osvaldo ainda precisou atravessar uma gruta para chegar até uma roça de milho:

Para matar ele foi um pessoal que foi atraindo o anjo de guarda dele. Aí ele vivia pendurado na linha negra, aí os outros vão na linha branca. A linha branca é a corrente astral, aquela linha ela é de luz, aí essa outra linha aqui ela não tem luz, a luz de lá que alumia ela, aí que enxerga, por aquela luz, de lá da linha branca que são os espíritos de luz. Aí se juntarão todo mundo. [...] O Piauí, ele preparou para ele a bala, mas eles prepararam a bala com a Oração de São Cipriano, a mesma que ele tinha, aí com a Oração de São Cipriano ele não pode aguentar.¹²

Ao atravessar o veio de água, o guerrilheiro tornou-se ainda mais vulnerável espiritualmente. Na religiosidade africana, em consonância com a Física, a água é condutora universal de energia, seja ela elétrica ou espiritual. As águas, especialmente na Amazônia, são também compreendidas como portais de acesso ao mundo espiritual, ao mundo da encantaria. Assim, estar na água de rios, igarapés, cachoeiras torna as pessoas propícias ao encontro com seres encantados e até mesmo a se encantar.

Nos diálogos com os locais foi, por diversas vezes, sugerido que atravessar a água acabou por dificultar as transformações, o encantamento, e as fugas de Osvaldo: Osvaldo foi pego porque cortou a água, atravessou a gruta. A água enfraqueceu seu corpo, facilitando, com isso, a penetração das balas benzidas preparadas exclusivamente para ele: “sua munição foi preparada em terreiro; a bala foi benzida”.

Assim, dentro da água, Osvaldo não teve tempo de se transformar; cortou a água, a água o cortou. Os entrevistados atestam que ele teve seu anjo da guarda sequestrado, ficou vulnerável; dizem que a bala que o matou era de prata e que, de forma certa, ela o derubou. Seu corpo foi metralhado, chutado, espancado e pendurado no helicóptero de cabeça para baixo. Foi ultrajado durante toda noite e no acampamento militar houve festa. Por fim, seu corpo foi separado da cabeça; uns dizem que foi enterrado não se sabe onde, outros que ele não foi morto na região do Araguaia, mas levado para Brasília, onde teria sido interrogado, morto e enterrado.

¹² Entrevista oral concedida por José da Prata em 05/10/2018.

ENCANTADOS, FADISTAS E A ORAÇÃO DA CABRA PRETA

Na tentativa de compreender as diversas categorias e termos que as pessoas utilizavam para explicar o universo encantado em que estavam inseridas, nos debruçamos nas entrevistas realizadas e na bibliografia sobre a religiosidade no norte e nordeste do Brasil. Apesar das muitas referências, sempre encontramos explicações para as transformações de Osvaldão ou de qualquer outra pessoa no contexto dos terreiros. Por isso, empreendemos a busca por compreender as categorias usadas pela Umbanda, Terecô, Tambor de Mina¹³ e Pajelança¹⁴ na região.

Da perspectiva do encantamento foi possível verificar em Maués (2005) que os encantados são:

Ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se “encantaram”. Essa crença tem certamente origem européia, estando ligada às concepções de príncipes ou princesas encantadas que ainda sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciada por concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo”, ou abaixo da superfície terrestre, e provavelmente também por concepções de entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com os espíritos dos mortos. Dois exemplos de encantados muito populares na Amazônia servirão para ilustrar essas crenças: Cobra Norato, popularizado nos meios intelectuais de todo o Brasil graças ao poema famoso do gaúcho Raul Bopp, e o rei Sebastião, um encantado que habita em várias praias de ilhas existentes ao longo do litoral entre Belém e São Luís, e que é entidade comum aos cultos de pajelança e de origem africana tanto no Pará como no Maranhão. (Maués, 2005, p. 262).

Considerando, pois, que as narrativas registradas dão conta da morte de Osvaldo Orlando e que inclusive se tem a informação de que a bala que feriu mortalmente o guerrilheiro foi preparada em terreiro, a possibilidade de ele estar entre o panteão dos encantados é baixa. Os três dirigentes umbandistas, as narradoras e os narradores ouvidos durante a pesquisa não o referenciam, assim, como encantado, no sentido descrito acima, mas não excluem de suas narrativas as transformações, metamorfoses, encantamento de Osvaldão. Assim, antes de o compreender dentro de uma chave clássica de encantamento das religiões

¹³ Religião afro-brasileira muito praticada no litoral maranhense e paraense. A presença de Voduns e de entidades encantadas em seu panteão é uma das características fortes da religião.

¹⁴ Manifestação religiosa voltada para o tratamento de doenças físicas e espirituais, que engloba elementos do catolicismo popular, Tambor de Mina e das culturas indígenas.

afro-brasileiras da região, nossos interlocutores parecem nos indicar outra leitura para o termo encantar.

Esse termo estaria mais próximo à categoria de fadista que Studart (2018) fala em sua obra “Borboletas e lobisomens”. Segundo ele, “reza a lenda, cantada em verso e prosa lá pelas bordas das selvas amazônicas, que Dina virava borboleta e Osvaldão lobisomem” (Studart, 2018, p. 27); essa descrição aproxima Osvaldão mais à categoria de fadistas, e o distancia daqueles encantados descritos acima.

Maués (2005) também nos auxilia na compreensão do que são os fadistas:

Uma outra crença muito forte na região do Salgado, que parece ser bastante disseminada, pelo menos em parte, em outras regiões da Amazônia, é a que diz respeito aos chamados “fadistas”, isto é, pessoas que têm o fado (destino ou sina) de se transformar em animais. Esses fadistas são a matintaperera e o “labisônio” (lobisomem), conforme sejam mulheres ou homens. A matintaperera pode transformar-se, à noite, em vários tipos de animais, como porcos, morcegos e aves, sendo capaz de voar: é vista como a mais perigosa feiticeira que existe (p. 267).

Aparentemente o termo fadista é o que mais se aproxima da proposta das transformações de Osvaldo quando ele era vivo. Seja nas narrativas ouvidas ou lidas, é constante a menção das transformações do guerrilheiro em diversos formatos. Maués (2005) explica que se em alguns lugares as histórias de homens que se tornam lobisomens são recorrentes, acaba havendo uma adaptação na Amazônia Oriental uma vez que não existe lobos na região; assim, o “lobisônio” se metamorfoseia em porco, ou também pode vir na forma do cachorro preto citado por Sader (1990) e Teles (2014). Assim descreve Teles (2014):

[...] Um dia, os federais tocaiaram ele na mata. Ia passando um bando de macacos e ele se transformou num deles e conseguiu fugir pulando por cima da cabeça dos federais que nem desconfiaram. Mas no que ele mais se transformava era em cachorro. (Sader, 1990, p. 119 *apud* Teles, 2014, p. 470).

Teles (2014), conta ainda que a população local percebe as dificuldades de pesquisadores e pesquisadoras em lidar e compreender algumas categorias locais, assim como a desconfiança e o receio deles em serem vistos como ingênuos ou mentirosos.

Ao final de cada uma das entrevistas, incitava os moradores que lutaram na mata junto aos guerrilheiros a se manifestar em relação à crença de que os combatentes

em perseguição transformavam-se em animais, despistando os militares. As respostas eram, via de regra, ambíguas; enquanto alguns riam discretamente, outros tergiversavam, deslocando a conversa em sentido às dificuldades encontradas para se andar na mata com fome, na época das chuvas, sem deixar rastros. Ninguém posicionou-se sobre a percepção do suposto caráter sobrenatural destas ocorrências, a despeito de salientarem a astúcia e conhecimento da mata que alguns guerrilheiros possuíam (Teles, 2014, p. 468).

A própria descrição de Teles (2014) já nos dá indícios de como a autora hierarquiza os saberes e falas de seus interlocutores. Ao falar sobre a relação dos moradores com a “crença de que os combatentes em perseguição transformavam-se em animais” não podemos deixar de problematizar o termo “crença”, visto que este tem sido tratado, especialmente na academia, como uma oposição ao saber científico, à razão. Assim, o que nos parece é que a timidez, o tangenciar a conversa dos locais antes de ser analisado à luz do não saber ou da discrição por questões de segredo, deve ser lido como uma busca por aceitação do outro que vem da cidade, da universidade e da dita “civilização”, como uma busca por ser inserido em uma conjuntura que se quer moderna e que não reconhece os saberes e experiências locais como válidas.

No que se refere à dificuldade de compreensão do pesquisador, nos vimos algumas vezes tateando entre um termo e outro, tentando entender pelo contexto ou mesmo questionando depois o significado para os entrevistados. Foi entre conversas e entrevistas que percebemos que as explicações vinham do universo afro-religioso, aquele mesmo vivenciado e frequentado por Osvaldo Orlando. É com base na sua proximidade com a religiosidade popular e de terreiro que muitos afirmam a valentia do guerrilheiro. Rubi foi enfática em dizer que era “verdade, ele tinha uma oração, a oração da Cabra Preta. Diz que ele tinha o livro de São Cipriano, aquele da capa de aço, da capa preta. O homem mais valente que tinha naquele São Domingos era aquele Osvaldão”.¹⁵

As informações que relacionavam Osvaldo com os terreiros não falavam apenas sobre sua morte, mas da vida e vivência espiritual dentro dos terreiros da região. Atestavam que ele trabalhava nos terreiros, que tinha muito “conhecimento de oração”, era homem “experiente e sabido” tanto nas artes de fazer amizades, fazer a guerra e no mundo das magias, dos trabalhos. Foi a partir desses saberes que Osvaldo teria tido seu “corpo fe-

¹⁵ Entrevista oral concedida por Rubi em 19/09/2017.

chado”. Studart (2018, p. 27) diz que “de acordo com o imaginário popular, certa feita o compadre Chico Piauí, grande terecozeiro, iniciado nas artes da feitiçaria pelo Demônio em pessoa, teceu reza braba para fechar o corpo de Osvaldão”

Sobre o corpo fechado, Airton dos Reis Pereira (2013) recorda que muito tem-se ouvido sobre a relação de pessoas ligadas ao mundo do crime e essa prática. É por conta dela que muitas narrativas justificam determinadas pessoas não terem morrido em emboscada, ou demorado a serem pegos, ou ainda ficar invisível aos olhos do inimigo.

Além de ser considerado um homem de “corpo fechado”, tinha a fama de se esconder, mesmo no meio de uma multidão, virando um tronco de uma árvore ou algum animal ou simplesmente desaparecendo sem deixar sinal. “O Salu tinha o corpo fechado”. Dizem que virava cachorro, virava cobra, virava porco, galinha etc. (Pereira, 2013, p. 165).

Situações semelhantes, mas com Osvaldo como protagonista, foram ouvidas e lidas por nós. Desde Portela (1986) até as mais recentes e diversas publicações, a ligação de Osvaldão com os terreiros, com o encantamento e com sua morte tem sido abordada com maior ênfase ou como um mero detalhe. Em Joffily (2008, p. 10) encontramos a assertiva de que “[...] nos terreiros de terecô, a umbanda local, mestiça de índio, todo espírito da mata que baixa diz que Osvaldo é imortal”. E assim em boa parte da literatura especializada, aqui e acolá, aparecem sinais, vestígios dessa aproximação.

A apreensão das categorias locais, bem como de parte da cosmogonia da região e da vivência da população com os terreiros, nos dá indícios do universo de fé e de experiências diárias que compõe o cotidiano dos moradores da região dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins. É somente a partir dessa apreensão que podemos compreender os signos, significantes e significados dos ritos e da vida daqueles que ainda narram em primeira pessoa o momento histórico da Guerrilha.

O PROTAGONISMO DO POVO DE SANTO NO FIM DO CONFLITO

“Pegar” Osvaldão pode ser considerado um marco no desfecho do conflito, pois além de ser uma das peças centrais do movimento guerrilheiro e ser também um dos mais temidos, foi um dos últimos guerrilheiros a ser pego. Porém, cabe ressaltar que a bibliografia especiali-

zada da guerrilha aponta que a última morte registrada foi de Walquíria Afonso Costa¹⁶ (Moraes; Silva, 2012, p. 582).

O assassinato de Osvaldo, no entanto, é registrado, contado e recontado tanto em fontes escritas como orais, com pequenas variações de alguns detalhes. Como afirma Stuardt (2018, p. 28), “na primeira bala que lhe atingiu o peito, Osvaldão abriu os braços e urrou. Seu grito foi escutado a quilômetros de distância, segundo o imaginário dos camponeses. Na segunda, saltou a mais de dois metros de altura”. Já o senhor Francisco nos conta:

Quem matou o Osvaldão foi o finado Arlindo Piauí, certo? Quem preparou a munição pra matar o Osvaldão foi o finado velho pai dele mais a velha mãe dele, do finado Arlindo. Aí o velho Piauí disse pra ele que ele fosse lá pra aquele setor da Bacaba, pro Brejo Grande, ali para detrás, ali daquele lado sul, que tal hora ele topava com o Osvaldão. Aí ele chamou o policiamento e foi. Lá em um certo lugar ele deixou a polícia, o exército. Aí ele disse pra eles: “se vocês ouvirem o tiro é no homem, que só descarrega a espingarda no homem”. [...] E ele ia passar lá na frente das palhas da bacaba. O tempo de inverno tinha derrubado a bacaba. Aí ele chegou, subiu em cima da haste da bacaba, ficou por ali, assim em pé, devagarinho. Aí ele assuntou assim, rasga o mato, assim do lado de uma moita de banana braba. Aí ele escutou assim o mato chiar. Aí vem vindo, vem vindo, o Osvaldão foi saindo assim, fico assim quieto, assuntando. Porque o Osvaldão era um homem muito experiente, muito sabido. Aí ele foi e detonou a espingarda dele, aí ele caiu, aí a polícia veio e pegou ele.¹⁷

Na narrativa de seu Francisco, assim como naquelas contadas por outros, apesar dos detalhes que as diferenciam, sempre encontramos a convergência de que teria sido Arlindo Piauí o mateiro responsável por desferir a famosa bala enfeitiçada que seria a única possível de atravessar seu corpo fechado.

Osvaldão só seria abatido quando atingido por duas balas de prata, enfeitiçadas pelo mesmo terecozeiro, Chico Piauí, e disparadas por seu filho Arlindo, que trocara de lado, abandonara os guerrilheiros para se tornar guia do Exército. Na primeira bala

¹⁶ Walquíria Afonso Costa, nascida em Uberaba (MG), foi estudante de Artes na Faculdade de Artes e Educação da UFMG. Fazia parte da militância estudantil e em 1971 abandonou o curso e foi se instalar na região do Gameleira, no estado do Pará, e foi a última guerrilheira morta no Araguaia. Todavia o referencial consultado atesta que Walquíria foi capturada com vida, desnutrida e debilitada, foi levada para a base de Xambioá - TO, no final de outubro de 1974, permanecendo presa por algum tempo, sendo interrogada. Mesmo depois de presa e já sob custódia do estado brasileiro, Walquíria foi morta, sendo considerada como a última guerrilheira presa e depois assassinada na prisão.

¹⁷ Entrevista Oral concedida por Francisco em 01/09/2017.

que atingiu seu peito, Osvaldão abriu os braços e urrou. Seu grito foi escutado a quilômetros de distância, segundo o imaginário dos camponeses. Na segunda, saltou a mais de dois metros de altura. Assim que caiu no chão, o demônio que o habitava pulou para o corpo de Arlindo Piauí. O mateiro babava e se contorcia. Teria logo depois morrido de epilepsia (Studart, 2018, p. 28).

Assim como consta na obra de Studart (2018), no decorrer das entrevistas foi se construindo coletivamente a versão de que os militares precisaram recorrer ao povo de santo para conseguir pegar Osvaldão. José da Prata, um dos entrevistados, conta que entre os militares “havia os comandantes sabidos que sabiam dessas coisas” e precisaram recorrer aos “umbandistas”. É interessante como Seu José denomina o povo de santo – os umbandistas – porque aparentemente ele toma de empréstimo uma nomenclatura da atualidade para denominar um grupo nos idos da década de 1970.

De acordo com pesquisas recentes (Venâncio, 2019), o conceito de Umbanda só teria chegado e ganhado força na região do Bico do Papagaio justamente em 1980. Assim, era possível que naquele período eles se autoidentificassem com outros termos como terecozeiros ou pajés. Contudo, com o advento da Umbanda e sua institucionalização em federações, tornou-se comum o uso do termo umbandista para definir aqueles que trabalhavam com gira e transe mediúnico, independente da real aproximação com a Umbanda.

Antes de compreender suas histórias como confusas ou anacrônicas, convém entender as razões que levam essas pessoas a recorrer a termos do presente para explicar o passado. Uma tradição de juremeiros, terecozeiros, pajés e outras manifestações afro-indígenas-religiosas é silenciada ou “esquecida” nas histórias ouvidas. Venâncio (2019) nos conta que o que ocorreu entre os dirigentes,

foi a apropriação local de uma categoria que ali chegou trazida por instituições como a federação umbandista. Umbanda se tornou, na região, uma categoria hegemônica usada por cientistas e religiosos do centro-sul para se referirem a um tipo de manifestação religiosa específica legitimada pelas federações e — por que não dizer? — pela universidade. Ocorreu apropriação por duas razões, acredito. Em parte, pela autoproteção. Afinal, a Umbanda se torna religião institucionalizada e com prestígio social no centro-sul, que a protege da perseguição policial e religiosa. Em parte, pelo próprio prestígio social. Afinal, dentro dessa Umbanda os mitos e os ritos provenientes de outras matrizes afro-indígenas ganharam mais legitimidade. (Venâncio, 2019, p. 21-22).

Assim, é preciso compreender que diferentes pontos de referência estruturam a memória. Os silêncios, os não ditos e as apropriações linguísticas são moldados “pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (Pollak, 1989, p. 8). Desse modo, compreendemos que é por razões como estas que, ao narrarem suas histórias e as de outros, os dirigentes e demais entrevistados se apropriam de termos do presente e relegam ao “esquecimento” outros.

É a partir dessa lógica que teremos termos como umbandista surgindo de forma anacrônica e categorias como feiticeiro, terecozeiro e outras “desaparecendo” nas narrativas. Mas independente do nome usado, o certo era que práticas e saberes vinculados aos terreiros eram comumente vivenciadas pelas pessoas da região. Não somente Osvaldo se encantava em vida em outros seres; outro episódio ilustra o que dizemos. José da Prata nos contou que os militares fizeram um cerco para capturar o velho Piancó,¹⁸ que além de ser do povo de santo era muito famoso na região do Araguaia por seus trabalhos espirituais e por todo conhecimento que acumulou ao longo de sua existência. A intenção do exército era fazer com que todos os “umbandistas” da região trabalhassem com eles para capturar Osvaldo. Contudo, para fugir do cerco, Piancó teria se transformado em sapo.

O soldado disse: “dá aí o seu sinal, o seu ponto”.

Aí ele disse: “então vira as costas”.

Aí os soldados viraram.

Aí ele falou: “pronto”.

Quando o soldado virou tava lá um sapão.

Aí o soldado falou: “cadê o nego véi?”.

Um disse: “desapareceu”.

Aí o outro disse: “ó um sapão aí”.

Ele armou o parafal 82.

O comandante disse: “num atira não que é o nego véi”.¹⁹

O fato narrado nos mostra que antes de ser compreendida como uma prática sobrenatural, ou seja, algo que transcende a realidade, o fato de ter pessoas que se encantam, no sentido de se transformarem em outros seres, é visto como parte do cotidiano. E antes que seja atribuído somente ao camponês ou ao povo de santo essa perspectiva de mundo, José

¹⁸ Na região se ouve muito o termo feiticeiro ao se referir a Piancó. A dirigente Rubi, de uma das tendas umbandistas, se refere a ele ao mesmo como bruxo e o maior feiticeiro que já existira na região.

¹⁹ Entrevista oral concedida por José da Prata em 01/09/2017.

da Prata deixa claro que os militares, ainda que muitos fossem da região, também compartilhavam do mesmo saber, e dele dependiam para capturar Osvaldão. Em Maria Leal Pinto (2018), verifica-se a busca empreendida por militares para encontrar entre o povo de santo alguém que os auxiliasse na tarefa de encontrar e findar com o “gigante negro”. Assim assevera a autora ao apontar essa relação:

Seu José afirma com veemência que Osvaldo foi morto por bala batizada, mas o espírito dele está vagando. E ainda acrescenta que seria difícil dar conta de Osvaldo senão pelo Povo de Santo, justificando que para dar conta dele precisava de um comandante sabido. Afirmando “[...] tem uns comandantes sabidos também [...]”. E assim seu José explica a sabedoria de alguns comandantes (Pinto, 2018, p. 101).

José da Prata nos narrou a forma como alguns comandantes, também conhecedores um pouco das leis da espiritualidade, agiam na busca por Osvaldo Orlando. Segundo o entrevistado, eles sabiam que para facilitar a empreitada era necessário estabelecer uma relação com o mundo espiritual e trabalhar justamente nas fragilidades do inimigo, ou seja, acertar justamente o “calcanhar de Aquiles” do guerrilheiro. José da Prata assim narra o que entendeu sobre o acontecimento da época:

O comandante espera o policiamento passar todinho, aí ele sente, ele recolhe e fica bem para atrás. Aí quando ele chega lá onde tá o outro, ele bate na cabeça dele, aí fala com ele, aí ele vem embora pra trás. [...] Para matar ele foi um pessoal que foi atraindo o anjo de guarda dele, atraindo o anjo de guarda dele. Aí ele vivia pendurado na linha negra, aí os outros vão na linha branca. A linha branca é a corrente astral, aquela linha ela é de luz, aí essa outra linha aqui ela não tem luz, a luz de lá que alumia ela, aí que enxerga, por aquela luz, de lá da linha branca. Que são os espíritos de luz. Aí se juntaram todo mundo [...] O Piauí ele preparou pra ele a bala, mas ele preparou a bala com a Oração de São Cipriano. A mesma que ele tinha, aí com a Oração de São Cipriano ele não pode aguentar.²⁰

Vemos na narrativa de José da Prata, agora de uma forma mais completa, algo que é recorrente na região quando se trata da disputa pelo campo entre o povo de santo. A forma como ele se refere à “linha negra” em oposição à “linha branca” é emblemático de como elas são marcadas pela dicotomia cristã entre bem e mal, luz e escuridão, certo e errado, bem como a uma linguagem racista-cristã, em que o branco está ligado ao bem e o negro ao mal.

²⁰ Entrevista oral concedida por José da Prata em 05/10/2018.

São poucos os dirigentes que afirmam abertamente trabalhar com a “linha negra” e, entre aqueles que o fazem, procura-se sempre explicar o porquê de seu uso e sob que circunstâncias. Assim, nos parece que José da Prata, ainda que não de forma direta, responsabiliza Osvaldão pela sua captura, uma vez que ele estava “pendurado na linha negra”, quando os militares se valem da linha branca, da luz, do bem para capturar aquele que andava nas trevas e na escuridão. Seria esse o pensamento que as pessoas da região tinham de Osvaldão? Alguém que trazia problemas e que devia ser detido? Se essa era a compreensão dos militares e de alguns civis, não nos pareceu a mesma ao ler os diversos trabalhos sobre a Guerrilha que tem como metodologia a História oral e que traziam, ainda que muitas vezes indiretamente, as falas da população local. Os camponeses contam sobre um guerrilheiro que era amigo, parceiro e prestativo como já vimos.

Independente do modo como a população o via, os militares se empenharam em capturar aquele que, segundo eles, trazia desordem para a região. Foi, assim, que com a ajuda do povo de santo, o exército conseguiu pegar um dos maiores nomes da Guerrilha do Araguaia. Os “umbandistas” saíram do papel de coadjuvantes e passaram para o protagonismo histórico, uma vez que a morte do comandante Osvaldão pode ser considerada um dos momentos finais do embate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que do mesmo modo como as narrativas da capacidade de Osvaldão em se metamorfosear, as histórias que contam sobre sua emboscada e morte também estão envoltas de explicações que encontram respaldo no universo afro-religioso. Em nenhuma das margens do Araguaia e nem do Tocantins foi verificada a existência de Osvaldão como encantado, no sentido de uma entidade que mudou do plano físico para o espiritual sem experimentar a morte. O fato de o corpo do guerrilheiro ter sido exposto pelo exército após seu assassinato inviabilizou que narrativas sobre seu encantamento fossem sustentadas. E o povo de santo sabia disso; talvez por isso não se tenha encontrado quem afirmasse de forma categórica o Osvaldão como encantado e presente em festas de seu próprio terreiro.

Por outro lado, o mesmo não se pode dizer quando se trata dos poderes de encantamento do guerrilheiro enquanto estava vivo. Todos afirmam que ele se transformava em “cachorro, onça, cupim, toco, fumaça, lobisomem, tinha o corpo fechado, sabia a Oração da

Cabra Preta e tantas outras mais, era protegido do Saci, Mãe d'água, Curupira" (Joffily, 2008, p. 25) e todos os seres encantados e espíritos da floresta. Osvaldão é lembrado como amigo dos dirigentes do povo de santo da região e como alguém que trabalhava e zelava das suas próprias entidades.

Dizem que era respeitado pela população por ter muita sabedoria, ser alegre, bom companheiro de lida, festas e lutas. É um dos personagens mais falados da Guerrilha e, com raras exceções, sempre mencionado como uma pessoa íntegra e que soube transitar nos diversos espaços que permeou entre as margens dos dois rios. Sua memória se tornou uma das mais vivas e latentes às margens do Araguaia, pois foi ali que viveu a sua última década de vida.

O corpo de Osvaldo Orlando e de seus companheiros e companheiras, com exceção de Maria Lúcia Petit,²¹ se tornou um mistério e quiçá, como afirma Palmério Dória (2014, p. 11), "a mata engoliu os cadáveres", e ainda acrescentamos que o mesmo fez o exército brasileiro. Mas a memória sobre eles não foi enterrada, ainda que o Estado assim quisesse. Encontramos uma memória de um grupo em construção, a do povo de santo que chama para si a participação fundamental em um evento histórico para a região dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins.

Quando salientamos a relevância da afinidade de Osvaldão com o povo de santo, e porque não dizer do exército também, referimo-nos ao episódio de sua morte, que como consta em Studart (2013), se deu com a contribuição desse grupo religioso. Contudo, vale ressaltar que os indícios encontrados, e que abrem precedentes para futuras pesquisas, dão conta de que essa "contribuição" do grupo, como boa parte da colaboração da população local, não se deu por desejo deles, mas ao que parece por investidas de coação e ameaças.

Ainda que as ameaças tenham se dado à época, e através de relatos sabemos que permanecem ainda hoje em uma tentativa de silenciamento da população local sobre o ocorrido, as memórias vão deixando seus rastros a cada conversa, entrevista e pesquisa. Com elas vamos conhecendo as categorias locais que constituem a história dos diversos grupos imbricados nos eventos da região e conhecendo mais sobre os saberes e práticas do viver amazônico.

²¹ Maria Lúcia Petit possivelmente foi morta no ano de 1972, porém sua família só teve acesso aos seus restos mortais no ano de 1996.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Inês Teixeira. O livro de São Cipriano: uma circularidade entre Brasil e Portugal. In: *31º Simpósio de História*. Rio de Janeiro: Anpuh-Br, 2021.
- CORMINEIRO, Olívia M. M. *Trilhas, Veredas e Ribeiras: os modos de viver dos sertanejos pobres nos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins (séculos XIX e XX)*. Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.
- DÓRIA, Palmério. Prefácio. In: AMORIM, Carlos. *Araguaia Histórias de Amor e de Guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- FERRETTI, Mundicarmo. *Encantaria de Barbara Soeira: Codó, capital da magia negra?* São Paulo: Siciliano, 2001.
- JOFFILY, Bernardo. *Osvaldão e a Saga do Araguaia*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MAUÉS, Raymundo H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. In: *Estudos Avançados*, USP, v. 19, n. 53. 2005.
- MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- NOSSA, Leonencio. *Mata! O Major Curió e as Guerrilhas No Araguaia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v. 2, n. 3, 1989, p. 03-15.
- PORTELA, Fernando. *Guerra de Guerrilhas no Brasil: Documentos inéditos e na íntegra*. 2ª ed. São Paulo: Global Ed., 1986.
- PEREIRA, Airton dos Reis. *A luta pela terra no sul e sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo*. 2013. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.
- PINTO, Maria Leal. *Histórias que ouvi contar: a Guerrilha do Araguaia nas narrativas do Povo de Santo da região Araguaia – Tocantins*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território). Araguaína: Universidade Federal do Tocantins/ Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2018.
- SADER, Regina. Lutas e imaginário camponês. In: *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 2, n. 1, 1990, p. 115 -125.
- REIS, Naurinete F. I.. Memória Camponesa e Guerrilha do Araguaia. In: Silva, Idelma S. (org.). *Culturas e dinâmicas sociais na Amazônia Oriental brasileira*. Belém: Ed. Paka-Tatu, 2017. p. 169-199.
- SILVA, Jerônimo S. e; PACHECO, Agenor S. Diásporas de Encantados na Amazônia Bragantina. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 21. n. 43, 2015, p. 129-156.

STUDART, Carlos Hugo C. *Borboletas e lobisomens: Vidas, sonhos e morte dos guerrilheiros do Araguaia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2018.

STUDART, Carlos Hugo C. *Em Algum Lugar Das Selvas Amazônicas: As Memórias dos Guerrilheiros do Araguaia (1966-1974)*. Tese (Doutorado em História). Brasília: Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

TELES, Janaína de A. Os segredos e os mitos sobre a Guerrilha do Araguaia (1972-1974). In: *Revista História Unisinos*, v. 18, n. 3, 2014, p. 464-480.

THOMPSON, Paul. A contribuição da história oral. In: THOMPSON, Paul. *A voz do Passado*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VENÂNCIO, Sariza O. C. *Tenda Espírita Umbandista Santa Joana D'arc: a Umbanda em Araguaia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2013.

VENÂNCIO, Sariza O. C. *Encantados na umbanda no norte do Tocantins*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019.

ABSTRACT:

The paper presents Osvaldo Orlando da Costa, known as Osvaldão, and his relationship with the Araguaia Guerrilla based on povo de santo's memories from the region where the conflict took place. The use of Oral History has made it possible to find magic reports about him and his and others' skills to get "enchanted", to metamorphose. The stories heard and many others read from the literature about this issue give us evidence of the leading role of local afro-religious people and how they were part of the history that marks the end of Osvaldo's life, and consequently the end of Araguaia Guerrilla.

Keywords: Araguaia Guerrilla; Povo de Santo; Memory.

Recebido em 07/04/2022

Aprovado para publicação em 05/06/2022